Arte²

o património azulejar do concelho de Palmela

Guia Pedagógico

Município de Palmela - Museu Municipal

Município Palmela

sumário

Mensagem ao Educador 4

Museu Municipal e Serviço Educativo 6

A História do Azulejo 7

Síntese Cronológica do Azulejo 13

O azulejo em Palmela - 400 anos de histórias em quadradinhos 15

Biografia resumida de artistas/produtores 20

Descrição do processo de fabrico do AZULEJO 21

Glossário 23

Recursos 25

Propostas de atividades 26

Bibliografia 27

Links 28

Agradecemos o apoio prestado pelo Espaço Fortuna – Artes & Ofícios na construção desta maleta pedagógica e, em particular, a Margarida Ferreira, pelo profissionalismo e pela atenção que confere à Pedagogia pela Arte.

Mensagem ao Educador

Bem-vindo!
É com prazer que disponibilizamos esta Maleta Pedagógica, que só faz sentido quando o temos como aliado.

A nossa perspetiva da Educação respeita os quatro pilares da aprendizagem defendidos para o século XXI: aprender a SER, a CONHECER, a FAZER e a CONVIVER.

Propomos uma metodologia participativa através da qual cada aluno, orientado pelo Educador, dará o que sabe, mas sobretudo o que é.

Esta pasta contem documentos e outros materiais que Professor e Alunos podem explorar, e também propõe atividades. O que apresentamos são ideias, sugestões, que o Educador explorará de acordo com as características da sua turma e de cada um dos seus alunos. As propostas são adaptáveis a cada realidade, permitindo agregar outros interesses, dar continuidade a uma ação já em desenvolvimento ou, até mesmo, enriquecê-las com a criatividade de todos.

Museu Municipal e o Serviço Educativo

Visão

O Serviço Educativo do Museu Municipal desenvolve ações de Educação Patrimonial, promove a democratização do saber através do alargamento e diversificação de público e atividades, e aposta na Qualidade, na Eficácia e na Melhoria Contínua.

Missão

O Serviço Educativo comunica aos diferentes públicos os conhecimentos adquiridos pelos investigadores, sendo o rosto mais visível do Museu Municipal; na sua prática, educa para o conhecimento, valorização e preservação do Património Local, através de uma ação que incentiva a integração e a participação de toda a comunidade. É no Serviço Educativo que reside a essência do Museu Municipal.

A História do Azulejo

O termo ***azulejo*** deriva etimologicamente do vocabulário árabe *AL Zulej* ou *Az Zuleich*, que significa pedra lisa e polida. ***Azulejo*** é uma peça de cerâmica formada geralmente por uma placa de barro cozido e vidrado opaco numa face, normalmente com forma quadrada.

Introduzido pelos árabes na Península Ibérica, o azulejo teve a sua origem nos centros hispano–mouriscos de Valência, Sevilha e Marrocos, que o exportavam para Portugal durante os finais do século XIV, o século XV e a primeira metade do século XVI.

Ainda que não o tenham inventado, os portugueses descobriram novas formas de utiliza-lo, recriando-o. Num país como Portugal, com importante tradição de trabalho do barro e de outros materiais cerâmicos, o reduzido custo do azulejo e a facilidade de o trabalhar proporcionaram, através da sua aplicação nas fachadas dos edifícios, uma visão mais rica e, sem dúvida, inovadora da arquitetura.

Séc. XVI, estilo "maçaroca", Igreja de Santa Maria, Palmela

Entre os séculos XV e XVIII, o azulejo reveste interiores de igrejas e palácios, tetos, claustros, salões, degraus, escadarias, bancos, fontanários e canteiros de jardim. Até 1755, as habitações particulares não utilizaram o azulejo a não ser em alguns registos nas frontarias, com a invocação de Santos.

Após o terramoto de 1755, esses registos multiplicaram-se, facto atribuível à crença dos proprietários em como estas imagens protegiam as suas habitações.

Excetuando esses pequenos painéis, o azulejo não foi utilizado nas fachadas das casas até ao século XIX.

Séc. XVIII, Igreja de S. Pedro, Palmela

Os portugueses, que tinham levado para o Brasil o gosto pelo uso do azulejo, recebem o retorno dessa prática através dos ricos «brasileiros» regressados a Portugal depois de lá terem feito fortuna. Na segunda metade do século XIX, assistiu-se a um verdadeiro renascimento do azulejo - que deixou de ser intimista -, e vulgarizou-se o uso nas fachadas e nas «tabuletas» publicitárias de casas comerciais.

Fachada de habitação com azulejos de estampilha, séculos XIX/ XX, Rua Hermenegildo Capelo, Palmela

Painel de azulejos Arte Nova, século XX, Rua General Amílcar Mota, Palmela

A década de 1950 caracteriza-se por uma renovação, marcada pela adesão a parâmetros funcionalistas na arquitetura: a tradição portuguesa pelo gosto de revestimentos cerâmicos recria-se.

síntese cronológica do azulejo

século XV

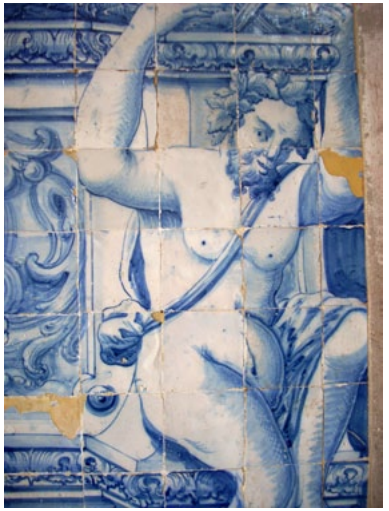
Finais do século XV a meados do século XVI
- Azulejaria hispano–árabe

2ª Metade do século XVI
- Início da Produção Nacional
- Azulejaria enxaquetada ou de caixilho

Século XVII – 1ª Metade
- Revestimento de «Tapete»
- Azulejos polícromos
- Início de produção do azulejo azul e branco

Século XVIII
- Azulejo azul e branco
- Elementos Rocócó
- Elementos Neoclássicos

Azulejos de padrão,
Igreja da Misericórdia, Palmela



Azulejos monocromáticos.
Igreja de S. Pedro, Palmela

Século XIX - 1ª Metade — Azulejos de Fachada fabricados em série

Século XIX - 2ª Metade — Azulejaria Romântica

Século XX - Inícios
- Azulejaria Revivalista
- Azulejaria *Arte Nova*
- Azulejaria *Arts Deco*
- Azulejaria Historicista e Nacionalista

Finais da década de 1950 — Azulejo Contemporâneo

Jorge Colaço | Painel de azulejos.
Casa Senhorial da Herdade de Rio Frio,
1918/22, Rio Frio

Painel de azulejos.
Estação de Caminhos-de-ferro de Pinhal Novo, 1938

Maria keil | Painel de azulejos.
Colónia de Férias da EDP, 1954, Palmela

O azulejo em Palmela 400 anos de Histórias em quadradinhos

No concelho de Palmela é possível fazer um percurso pela história do azulejo em Portugal, já que aqui se encontram exemplares de azulejos hispano-mouriscos, revestimentos de *tapete* do século XVII, azulejos historiados do século XVIII, azulejos de fachada das habitações burguesas de início do século XX e intervenções da época contemporânea.

Dos exemplares do século XVI apenas restam alguns elementos de azulejos hispano-mouriscos (de aresta), resultado das intervenções arqueológicas realizadas no Castelo de Palmela.

O século XVII está bem representado com azulejos nos quais predomina o gosto pelo amarelo, azul e branco. Podemos ver exemplares desta época na Igreja de Santa Maria do Castelo, na Capela de S. João Baptista e na Igreja da Misericórdia (na vila de Palmela) e na Capela de S. Gonçalo, em Cabanas.

No século XVIII, surge o gosto pela figuração azulejar monocromática. No azulejo historiado do Barroco predomina o azul e branco, sendo possível observar no interior da Igreja de Santiago azulejos com figuras de anjos. Porém, é na Igreja de S. Pedro que Palmela tem o exemplo mais característico da figuração azulejar barroca. Da autoria de Nicolau de Freitas, os trabalhos decorreram nos anos 30/40 do século XVIII. As paredes da Igreja são revestidas com azulejos que contam ao visitante a vida do seu patrono: S. Pedro.

Igreja de Santa Maria do Castelo, Palmela.
Azulejo de padrão «tipo maçaroca», século XVII

Igreja de S. Pedro, de Palmela. Painel de azulejos do século XVIII.
Cristo a aparecer aos discípulos no Lago de Tiberíades

Também na vila de Palmela há diversos exemplos de azulejos Arte Nova, de que se destacam as fachadas da Rua General Amílcar Mota.

Decoração azulejar Arte Nova.
Casa da Rua General Amílcar Mota,
n.º 7/ Travessa de Olivença, Palmela

Painel de azulejos. Casa Senhorial da Herdade de Rio Frio, 1918/22, Rio Frio

Em Rio Frio, a decoração azulejar da Casa Senhorial, de início do século XX, é da responsabilidade de Jorge Colaço, na qual estão representadas cenas da vida quotidiana da herdade.

Na Vila de Pinhal Novo a arte azulejar está patente nos painéis da antiga Estação de Caminhos-de-ferro. Datados de 1938, representam «postais» do distrito de Setúbal. A produção é da Fábrica de Cerâmica Constância/ Faiança Battistini.

Um dos primeiros trabalhos de encomenda à artista Maria Keil, em 1954, é o revestimento azulejar do refeitório da Colónia de Férias da empresa EDP, em Palmela. Este trabalho representa crianças a brincar e tem a mestria do traço identificável desta artista maior da história da arte azulejar portuguesa.

Painel de Azulejos da Estação de Caminhos-de-ferro de Pinhal Novo
«Raparigas Vindimando», 1938, Pinhal Novo

Maria keil | Painel de azulejos,
Colónia de Férias da EDP, 1954, Palmela

Biografia resumida de artistas/produtores

Jorge Colaço (1868-1942)
Importante pintor português, que se destacou também na pintura de azulejo através dos processos e das técnicas inovadoras que utilizou e do carácter historicista da sua obra. É possível contactar com inúmeros exemplos de painéis de azulejos do artista em diferentes pontos do país, como na Estação de S. Bento, no Porto.

Fábrica de Cerâmica Constância, fundada em 1836, em Lisboa. A mais importante oficina de produção e pintura de azulejo em Portugal, cujas composições ainda revestem importantes monumentos nacionais. Em 1921, foi adquirida por **Leopoldo Battistini** que, a par de outros importantes artistas, revolucionaram a pintura de azulejo em Portugal, recebendo inúmeros prémios nacionais e internacionais.

Maria Keil (1914-2012)
Pintora modernista portuguesa, reconhecida pelas obras criadas em várias áreas, desde a pintura à ilustração, passando pela tapeçaria.
O azulejo é um dos aspetos mais marcantes do seu trabalho. É possível admirar algumas das suas criações no Metropolitano de Lisboa e na Avenida Infante Santo, onde encontramos o painel «O mar».
Em 1980, foi distinguida com o grau de comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada e, em 2012, recebeu o Prémio «Obra de Vida» do Projeto SOS Azulejo.

Descrição do processo de fabrico do azulejo

AZULEJO DE ROLO
Para a produção de um azulejo de rolo é necessário cortar uma ***lastra*** (fatia de barro), por meio de um garrote (fio de arame utilizado para cortar o barro).

A **lastra** é colocada numa tábua com duas ripas, onde se aplica previamente areia para impedir que cole e é esticada com um rolo. Através de um molde cortamos a forma desejada.

Depois de seco ao ar livre, vai ao forno a cozer durante 9 horas a 1.000°C.

Quando sai do forno o azulejo tem ainda o nome de ***chacota*** (designação para a primeira cozedura do azulejo).

VIDRAGEM
A fase seguinte consiste na vidragem do azulejo. O vidro líquido é produzido através da mistura da sílica (pó de vidro) com água, podendo ter várias cores. Para tal aplicam-se percentagens de pigmentos coloridos de acordo com a cor que se pretende alcançar.

É aplicada uma camada de vidrado na superfície do azulejo previamente cozido.

Devido à boa absorção da água nas peças em ***chacota***, a secagem é muito rápida.

Segue para o forno e coze à temperatura de 1.000°C.

Corte da lastra (Espaço Fortuna Artes & Ofícios, 2011)

Secagem da chacota (Espaço Fortuna Artes & Ofícios, 2011)

Vidragem (Espaço Fortuna Artes & Ofícios, 2011)

Visita pedagógica ao Espaço Fortuna Artes & Ofícios, 2006

PINTURA

Depois de vidrado, o azulejo é finalmente pintado. A pintura pode ser feita através de desenho livre ou de um desenho-modelo.

Se o desenho pretendido for baseado num modelo, é reproduzido com a ajuda de papel vegetal picotado. O papel vegetal é colocado na superfície do azulejo e por meio de um pano enrolado com carvão no interior (*boneca de carvão*) - que proporciona ao pintor um guia do contorno - o desenho é transposto para o azulejo.

Finalmente, é pintado na cor ou cores pretendidas, com as tintas e pincéis adequados.

A peça é novamente cozida durante 9 horas a 1.000°C, e está pronta.

Glossário

Existe uma grande variedade de técnicas utilizadas na arte do azulejo. Este GLOSSÁRIO[1] apresenta as mais relevantes.

ALIZAR - Revestimento parietal que ocupa a parte inferior de uma parede e cuja altura pode variar sensivelmente entre um e dois metros.

AZULEJO ALICATADO - Composição cerâmica que resulta da combinação de fragmentos de mosaico de várias cores, recortados a partir de placas coloridas, formando figuras geométricas.

AZULEJO AEROGRAFADO - Azulejo em que as tintas são aplicadas à pistola sobre o vidrado opaco. Esta técnica é também denominada por: decoração ao terceiro fogo.

AZULEJO DE ARESTA OU CUENCA - Azulejo hispano-mourisco dos finais do século XV e princípios do século XVI, em que as várias cores do desenho eram separadas por intermédio de arestas salientes feitas no próprio barro.

AZULEJO DE CAIXILHO - Ver: azulejo enxaquetado.

AZULEJO DE CORDA SECA - Azulejo hispano-mourisco dos finais do século XV e princípios do século XVI em que as várias cores eram separadas por intermédio de sulcos preenchidos com uma mistura de óleo de linhaça e manganês.

AZULEJO DE CUENCA - Ver: azulejo de aresta.

AZULEJO ESPONJADO - Azulejo em que as tintas são aplicadas por intermédio de uma esponja ou de uma escova, de modo a sugerir um aspeto granitado (imitar o granito).

AZULEJO ESTAMPADO - Azulejo em que o desenho é aplicado por meio de uma estampa ou decalcomania sob o vidrado transparente. Esta técnica tem também o nome de impressão a talhe doce.

AZULEJO ESTAMPILHADO - Azulejo em que as tintas são aplicadas sobre o vidrado opaco utilizando uma estampilha.

AZULEJOS ENXAQUETADOS - Composição de azulejos em xadrez simples ou assumindo uma estrutura mais complexa com a introdução de elementos retangulares mais estreitos e de cor diferente, sendo neste último caso denominados azulejos de caixilho.

AZULEJO DE FIGURA AVULSA - Azulejos geralmente monocrómicos, representando cada um motivo autónomo (flores, animais, barcos, etc.).

AZULEJO MUDEJAR - Nome dado habitualmente aos azulejos de corda seca e de aresta. São também chamados azulejos hispano-árabes ou hispano-mouriscos.

[1]LEÃO, Maria de Fátima Fernandes, «A importância do azulejo na recuperação e estética», Porto: Universidade de Fernando Pessoa, 2006. [consult. 24 de setembro de 2012: http://ufpbdigital.ufp.pt/dspace/handle/10284/804]

AZULEJOS DE PADRÃO - Composição ornamental formada pela repetição regular de um ou mais azulejos. Consoante o número de elementos necessários para formar o padrão, este pode ser classificado em 2x2, 4x4, até 12x12. O s azulejos de tapete do século XVII e os azulejos semi-industriais de fachada produzidos no século XIX, são azulejos de padrão.

AZULEJO SEMI-INDUSTRIAL - Azulejo de padrão produzido no século XIX em que a decoração era feita usando técnicas semi-industrializadas, nomeadamente a estampilha ou a estampagem.

AZULEJO DE TAPETE - Revestimento parietal de azulejos ocupando toda a extensão de uma parede ou parte dela, formado pela repetição regular de padrões polícromos.

BARRA - Guarnição formada por duas fiadas de azulejos inteiros.

BISCOITO - Placa de barro cozido sobre a qual é aplicado o vidrado.

CERCADURA - Guarnição formada por uma única fiada de azulejos.

CHACOTA - Ver: biscoito.

DECALCOMANIA - Ver: azulejo estampado

DECORAÇÃO AO GRANDE FOGO - Decoração a altas temperaturas (superiores a 800ºC) utilizada na pintura sob o vidrado transparente e na pintura sobre o vidrado opaco em cru.

DECORAÇÃO AO FOGO DE MUFLA - Decoração a temperatura moderada, utilizada principalmente na decoração com vidrados coloridos e na pintura sobre o biscoito.

ELEMENTO - Azulejo considerado individualmente.

ESTAMPILHA - Papel oleado no qual estão recortados os desenhos com que se pretende decorar o azulejo e sobre o qual se aplicam as tintas.

FRISO - Guarnição formada por uma fiada de frações retangulares obtidas pelo corte de um azulejo em duas, três ou quatro tiras.

IMPRESSÃO A TALHE DOCE - Ver: azulejo estampado.

MAJÓLICA - Técnica introduzida na Península Ibérica no século XVI por Francisco Nicoloso e que permitiu pintar a superfície vidrada do azulejo.

PAINÉIS HISTORIADOS - Painéis de azulejo nos quais estão representadas cenas religiosas ou profanas.

PÓ DE PEDRA - Argila sem ferro misturada com quartzo moído.

TARDOZ - Face não vidrada do azulejo.

Recursos

Com o intuito de contribuir para a prática das artes e induzir a criatividade, concebemos materiais e propostas de atividades que poderão servir de inspiração. Bom trabalho!

Materiais

1 Caixa de pincéis

1 Jogo de dominó

As 28 peças que compõem este jogo convidam a conhecer alguns painéis de azulejo que encontramos no concelho de Palmela. Para este jogo recomenda-se 2 a 4 jogadores, seguindo as regras comuns do Dominó (Regras do jogo em documentação avulsa no interior da maleta).

3 Puzzles

A partir da imagem que decora cada um dos sacos dos puzzles, é possível formar a imagem original.

1 Caixa: *Palete de cores. Tintas e vidrados de cerâmica.*

1 Caixa: *Azulejo da minha rua* - acetato com imagem para pintura de azulejo através da técnica da estampilha.

1 Caixa: *6 x □ = ARTE*^{2} – azulejos representativos das várias etapas do processo de produção.

1 Catálogo "Fortuna Arte & Ofícios", 2012

Conjunto de documentação descritiva (legendas do conteúdo de cada caixa e imagens e legenda dos três puzzles)

Propostas de Atividades

1- COMO SE PINTA um AZULEJO?
Seguindo a descrição do processo de fabrico do azulejo que integra a caixa 6 x ☐ = ARTE[2], convidamo-los a pintar um azulejo. Bom trabalho!

2 – O AZULEJO EM PALMELA
Local: Centro histórico de Palmela

Um olhar atento aos pormenores (visita temática)
Percurso pedonal de sensibilização para a arquitetura e o urbanismo - materiais, cores e formas como registo das suas singularidades.

Orientação: Equipa MMP-SE | Local: Paços do Concelho, Igreja de S. Pedro, Pelourinho, Igreja da Misericórdia, ruas do Centro Histórico, Chafariz D. Maria I | Duração: 2h00 | Público-alvo: Ensino Básico (a partir do 3º ano), Ensino Secundário e Público em geral | Calendário: de 4.ª a 6.ª feira, às 10h e às 14h.

Azulejo, azulejo meu... (visita temática)
Alguma vez parámos para ouvir todas as histórias que os azulejos têm para nos contar? Espreitando as ruas do Centro Histórico de Palmela, ali estão a aguardar-nos para responder a todas as perguntas que lhes queiramos colocar.

Orientação: Equipa MMP-SE | Local: Igreja de S. Pedro, Igreja da Misericórdia, ruas do Centro Histórico | Duração: 2h00 | Público-alvo: Ensino Básico (a partir do 3ºano), Ensino Secundário e Público em geral | Calendário: de 4.ª a 6.ª feira, às 10h e às 14h.

3 – PRODUZIR UM AZULEJO
Local: Espaço Fortuna – Artes & Ofícios

Dada a história e a arquitetura deste espaço, convidamos-vos para um encontro com a tradição do barro e do azulejo; artes que individualizam as raízes de um povo, testemunham o seu passado e dão expressão à sua cultura. Do forno à pintura, em pequenas peças ou em grandes painéis de azulejo, cada objeto é único porque nasce do mistério e da força do artificie. Através de uma visita de sensibilização e valorização dos saberes-fazer associados à região, propormos que criem as vossas próprias peças.
www.espacofortuna.com

Opção a) **Mãos que moldam e criam**
Abordagem ao ofício tradicional de Oleiro. Promover a criatividade artística durante a modelação e construção de uma peça em barro – por exemplo: um azulejo!

Orientação: Equipa Espaço Fortuna | Local: Espaço Fortuna | Duração: 1h30 | Público-alvo: Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Secundário | Público em geral | Calendário: de 4.ª a 6.ª feira, às 10h e às 14h

Opção b) **Traços de cor em azulejo**
Abordagem às técnicas tradicionais utilizadas na azulejaria, promovendo a criatividade artística durante a pintura de um azulejo.

Orientação: Equipa Espaço Fortuna | Local: Espaço Fortuna | Duração: 1h30 | Público-alvo: Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Secundário | Público em geral | Calendário: de 4.ª a 6.ª feira, às 10h e às 14h

Bibliografia

CALADO, Rafael Salinas - ***5 Séculos do Azulejo em Portugal***, Lisboa: Edição dos Correios e Telecomunicações de Portugal, 1986

CALADO, Rafael e ALMEIDA, Pedro Vieira de - ***Aspectos azulejares na arquitectura ferroviária portuguesa***, Lisboa: Ed. CP, 2000

HENRIQUES, Paulo - ***A Arte do Azulejo em Portugal***, Lisboa: Museu Nacional do Azulejo/Instituto Camões, 2002

MECO, José - ***Azulejaria Portuguesa***, Lisboa: Livraria Bertrand, 1985

MECO, José - ***O Azulejo em Portugal***, Lisboa: Publicações Alfa, 1989

PEREIRA, João Castel-Branco (Coord.) - ***Catálogo da Exposição Maria Keil. Azulejos, Museu Nacional do Azulejo***, Lisboa: IPPC, 1989

SABO, Rioletta e FALCATO, Jorge Nuno – ***Azulejos: arte e história, azulejaria de palácios e igrejas em Lisboa e arredores, Lisboa***: Inapa, 1998

SERRÃO, Vitor e MECO, José – ***Palmela Histórico-Artística. Um inventário do património concelhio***. Palmela/Lisboa: C.M. Palmela/ Ed. Colibri, 2007

SIMÕES, J.M. dos Santos – ***Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI: introdução geral,*** 2.ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990

LINKS

http://mnazulejo.imc-ip.pt/

http://www.espacofortuna.com/

www.sosazulejo.com

Município
Palmela